

13 ABR 1996

*Se não vê o erro, FH pode tentar aprender com o acerto*

O Plano Real sobreviveu à crise mexicana, à seca no plantio, à chuva na colheita, ao escândalo dos bancos e à rapina orgântaria. Os indicadores de inflação já exibem alguns números típicos de Primeiro Mundo (ver tabela). O programa também sobreviverá, com certeza, à redução da safra e à elevação dos preços agrícolas internacionais. Mercado não destrói plano desse tipo. Há reservas de sobra para importar o necessário. Além disso, o produtor brasileiro reage com rapidez ao estímulo de preço. Mas deve haver limites: quantas vezes terá o País de suportar, neste governo, ações desastradas como a da equipe responsável — culpada seria palavra melhor — pelo caso dos combustíveis?

Amadorismo custa caro. Para quem não sabia, isso deveria ter ficado bem nítido, há pouco mais de um ano. Foi quando o Banco Central fez tudo errado ao anunciar uma decisão essencialmente correta. O ajuste da faixa de flutuação do câmbio, em março do ano passado, foi o primeiro passo para desengessar a política. Mas foi tão mal executado que o BC

levou semanas para recriar alguma ordem e conter a especulação.

O pior efeito de uma decisão como a do aumento dos combustíveis não é o impacto no preço. É a sensação de perda de rumo. De repente, sem justificativa plausível para a maioria das pessoas, mesmo para as bem informadas, o governo autoriza aumentos por uma empresa monopolista, libera os preços nas etapas seguintes e transmite informações in-

completas e erradas à população. Em seguida, tenta inocentar-se, jogando a culpa de tudo nos governos estaduais, que nada fizeram de inesperado ou de irrazoável.

Com tudo isso, aumentos de preço maiores que os previstos oficialmente vão afetar os índices de inflação. O IPC da Fipe já refletiu, na primeira apuração do mês, uma alta de 2,95% no preço da gasolina e de 3% no do álcool. O efeito final não será ne-

nhum desastre, nem afetará a tendência da inflação, nos próximos meses, mas poderia, de toda forma, ter sido evitado. Isso é o pior: com tolices desse tipo, o governo cria mais insegurança do que haveria, com certeza, se o País estivesse enfrentando uma seca ou as consequências de uma crise internacional. Tudo isso ainda parece mais grave quando se sabe que na origem de tudo está a política do álcool. O governo sujeitou o plano de estabilização a uma situação de crise para beneficiar usineiros. Enquanto isso, a renegociação das dívidas agrícolas até R\$ 200 mil, decidida oficialmente no fim do ano, ainda não começou a ser executada.

O presidente deveria dar uma espiada nos índices de preços. Veria, por exemplo, que os preços industriais, no atacado, aumentaram menos de 0,1% ao longo do primeiro trimestre. Algo está dando certo neste país. Se ele não percebe onde o governo está errando, talvez possa tentar descobrir onde foi que acertou. Bastará aplicar a fórmula de modo mais amplo.

